

Uma Análise do Discursiva de “Tiro Ao Álvaro”: Língua, Sujeito e Preconceito

Júlio César Machado¹
Kelly de Araújo Vilhena²

29

Resumo

O objetivo desta pesquisa é investigar o sujeito-falante do português a partir da canção “Tiro ao Álvaro”, como *corpus* de pesquisa, em três dimensões: sujeito-político (interdiscurso da ditadura), sujeito-romântico (interdiscurso da mulher romantizada da literatura) e sujeito-mulher (interdiscurso das mulheres da época). Ou seja, analisar o texto/discurso que antecede a letra da música. Além disso, buscaremos apresentar os possíveis efeitos de sentido que a música produz. Problematizando as posições- sujeito e formações ideológicas de variações linguísticas não escolarizadas confrontadas à linguagem culta, monitorada, normativa. A metodologia utilizada será de abordagem qualitativa, tendo como marco teórico a análise do discurso preconizada no Brasil por Eni Orlandi. Por meio da análise da música “Tiro ao Álvaro”, busca-se descrever os efeitos de sentido, as posições- sujeito e o interdiscurso, que são apresentados no *corpus*. Ao estudar tal música, busca-se recortar os aspectos pertinentes à pesquisa, sob a ótica da teoria de Análise de Discurso de linha francesa, bem como dos estudos de variação linguística.

¹ Doutor em Estudos da Linguagem - Linguística - pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, com estágio de Doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris, França (PDSE 5637/13-9). Mestre em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Especialista em Linguística pela Universidade de França - UNIFRAN, Especialista em Gestão, Inspeção, Supervisão, Coordenação e Orientação pela Faculdade Calafiori, e Graduado em Letras pela Universidade de França. Professor efetivo da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais - FaE-UEMG. É Editor do site científico-linguístico internacional *Sémantique Argumentative* (semantical.hypotheses.org). Tem particular interesse nos trabalhos do Dr. Oswald Ducrot e Dra. Marion Carel, e pelo modo em que estes autores são trabalhados na França. Atua principalmente nos seguintes temas: cultura linguística brasileira, linguagem, Argumentação na Língua, enunciação, semântica, análise de discurso, texto, ensino, alfabetização, letramento, técnicas de leitura, e Relações Internacionais.

² Graduada em Letras - Português, pela universidade Federal de Lavras- UFLA.

Palavras-chave: Análise do Discurso; “Tiro ao Álvaro”; Preconceito linguístico.

Abstract

The objective of this research is to investigate the Portuguese-speaking subject from the song “Tiro ao Álvaro”, as a research corpus, in three dimensions: political-subject (interdiscourse of the dictatorship), romantic-subject (interdiscourse of the romanticized woman of literature) and subject-woman (interdiscourse of women of the time). In other words, analyze the text/speech that precedes the lyrics of the song. In addition, we will seek to present the possible meaning effects that music produces. Problematizing the subject-positions and ideological formations of non-schooled linguistic variations confronted with cultured, monitored, normative language. The methodology used will be a qualitative approach, having as a theoretical framework the discourse analysis advocated in Brazil by Eni Orlandi. Through the analysis of the song “Tiro ao Álvaro”, we seek to describe the effects of meaning, subject-positions and interdiscourse, which are presented in the corpus. When studying such music, we seek to cut out the aspects relevant to the research, from the perspective of the French Discourse Analysis theory, as well as linguistic variation studies.

Keywords: Discourse Analysis; “Shot to Álvaro”; Linguistic prejudice.

Introdução

A linguagem permite ao ser humano produzir infinitos discursos. É também por meio dela que se possibilita a abertura de portas para a imaginação, a sistematização do conhecimento, capacidade de expressão, construção e desconstrução dos variados discursos, que expressam inúmeros efeitos de sentido. Porém, é sabido que existem distinções de classe que fazem com que determinado tipo de linguagem, a padrão, seja muito valorizada, enquanto outros tipos de linguagem, como as variedades regionais do Brasil, sejam considerados incultas e, portanto, estigmatizadas.

Neste sentido, se a linguagem possibilita ao ser humano produzir inúmeros discursos, por que existem discursos que são considerados melhores que outros? Porque o discurso dominante da linguagem normativa é considerado o “correto”, menosprezando as variações linguísticas, como podemos evidenciar, de forma problematizada, no discurso de “Tiro ao Álvaro”, música de Adoniran Barbosa.

Portanto, o objetivo desta pesquisa é fazer uma análise discursiva da música “Tiro ao Álvaro” na relação entre o sujeito erudito gramatical e o sujeito popular proposto por Adoniran Barbosa.

Ou seja, analisar o texto/discurso que antecede a letra da música. Além disso, buscaremos apresentar os possíveis efeitos de sentido que a letra produz, problematizando as posições-sujeito e as formações ideológicas de variedades linguísticas não escolarizadas confrontadas à linguagem culta, monitorada, normativa.

A metodologia utilizada será de abordagem qualitativa, tendo como marco teórico a análise do discurso preconizada no Brasil por Eni Orlandi. Por meio da análise da música “Tiro ao Álvaro”, busca-se descrever as formações discursivas, os efeitos de sentido, as posições-sujeito e o interdiscurso, que são apresentados no “*corpus*” que é a letra “Tiro ao Álvaro” de Adoniran Barbosa. Ao estudar tal música, busca-se recortar os aspectos pertinentes à pesquisa, sob a ótica da teoria da Análise de Discurso de linha francesa preconizada por Eni Orlandi, bem como dos estudos de variação linguística.

A realização deste trabalho propicia o entendimento de que é preciso respeitar as variações linguísticas manifestadas na cultura popular brasileira, ao considerar uma multiplicidade de falantes no espaço enunciativo brasileiro. A Análise do Discurso auxilia na compreensão ideológica dos discursos e, conseqüentemente, nos efeitos de sentido. “Tiro ao Álvaro” representa e significa a voz de um Brasil não elitizado. Pois, esta vertente teórica preconiza que a linguagem, não é neutra, transparente, objetiva e límpida como nos lembra Eni Orlandi. A língua não é una, portanto, tal como assevera vertentes linguísticas político-normativas homogêneas.

Variedade Linguística e Preconceito Linguístico

Três elementos se destacam quando se trata de preconceito linguístico: a gramática tradicional, os métodos tradicionais de ensino e os livros didáticos (BAGNO, 2015). A gramática tradicional é o modelo de ensino da língua portuguesa tanto na educação básica quanto na superior. E, atrelados a ela, estão os métodos tradicionais de ensino, os quais a consideram como único padrão de ensino. Justamente por isso, os livros didáticos são produzidos com base em um modelo específico que preconiza a gramática tradicional e, portanto, os métodos tradicionais de ensino.

Embora muito tenha mudado na forma como o ensino de língua portuguesa se estrutura, já que a Constituição de 1988 (BRASIL, 1988), entre outros fatores, trouxe importantes mudanças para o sistema de ensino como um todo, como a Lei (Lei nº 9.394/96), de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), ainda falta muito para que se chegue a um patamar desejável em relação à valorização da língua brasileira como patrimônio cultural. Isso porque o preconceito linguístico decorre precisamente do fato de que existem valorações diferentes para as variedades linguísticas do país, o que coloca a variedade padrão como sendo a única considerada correta e estigmatiza as demais variantes.

É que os preconceitos, como bem sabemos, se impregnam de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornaram parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo. É necessário um trabalho lento, contínuo e profundo de autoconscientização para que alguém comece a reconhecer

suas próprias atitudes e passe a desmascarar os mecanismos perversos que compõem a mitologia do preconceito (BAGNO, 2015, p. 114-115).

Neste sentido, não há como negar que os preconceitos fazem parte do modo de ser de uma cultura, no seu senso comum e no seu saber científico. E isto faz com que seja mais difícil questionar o modo já estabelecido sobre o que é a língua considerada adequada e o que é a língua considerada inadequada, de modo que o estigma do uso dito incorreto da língua causa extensa exclusão do seu falante.

Além disso, vários mitos contribuem para este estigma, como: a) o português do Brasil apresenta uma unidade surpreendente; b) brasileiro não sabe português/só em Portugal se fala bem português; c) português é muito difícil; d) as pessoas sem instrução falam tudo errado; e) o lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão; f) o certo é falar assim porque se escreve assim; g) é preciso saber gramática para falar e escrever bem; h) o domínio da norma-padrão é um instrumento de ascensão social, entre muitos outros (BAGNO, 2015, obra já citada).

Muito embora saibamos que “toda língua se constitui como um conjunto de variedades dotadas de diferenças recíprocas, cada uma delas podendo ser utilizada de acordo com os contextos sociais de interação” (BEZERRA, Benedito Gomes: PIMENTEL, Renato Lira. *Normativismo Linguístico em Redes Sociais Digitais: uma Análise da Fanpage Língua Portuguesa no Facebook*, 2016, p.733), na prática, existem diversos preconceitos originados principalmente no contexto de desigualdades sociais, inclusive raciais, no Brasil. Além disso, é evidente que as línguas não se organizam de maneira uniforme, de maneira que a língua falada e a língua escrita diferem entre si, fenômeno este que se evidencia em qualquer idioma. Neste sentido, não há que se falar em modos “certos” ou “errados” de se utilizar uma língua. “Assim, pelo menos no caso das sociedades letradas, historicamente, cada língua acaba tendo uma de suas variedades definida como preferível em relação às demais, especialmente em contextos formais de interação” (BEZERRA, 2016, p.740, obra já citada).

Como se verá mais adiante, na análise da letra “Tiro ao Álvaro”, de Adoniran Barbosa, os usos linguísticos e a escolha da variante eleita como certa estão intimamente ligados a critérios políticos, culturais, econômicos, ideológicos. Enquanto as qualidades intrínsecas da própria língua não são critérios determinantes para que uma variante seja considerada superior à outra.

SCIAS.Arte/Educação, Belo Horizonte, v.9, n.1, p. 29-45, jan./jun. 2021

Contudo, o que é o erro? Afinal de contas só se erra aquilo que é aprendido, aquilo que se constitui como um saber secundário, isto é, aquele conhecimento adquirido por meio de treinamento, realização prática. No entanto, a língua materna não é esse tipo de conhecimento, pois ela é adquirida por meio das interações sociais, inicialmente familiares. Não se trata, ainda do conhecimento escolarizado, no qual se aprende a variante escrita, portanto, considerada culta, da língua.

Qualquer falante de português possui um conhecimento implícito altamente elaborado da língua, muito embora não seja capaz de explicitar esse conhecimento. E [...] esse conhecimento não é fruto de instrução recebida na escola, mas foi adquirido de maneira tão natural e espontânea quanto a nossa habilidade de andar. Mesmo pessoas que nunca estudaram gramática chegam a um conhecimento implícito perfeitamente adequado da língua. São como pessoas que não conhecem a anatomia e a fisiologia das pernas, mas que andam, dançam, nadam e pedalam sem problemas (PERINI, Apud. BAGNO, 2015, p.177)

Segundo Marcos Bagno, o que se deve considerar, tanto na variante oral como na escrita, é um ponto de equilíbrio entre dois eixos: adequação e aceitabilidade (BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico*. 56 ed. Revista e ampliada. São Paulo:Parábola Editorial, 2015, p. 184.).

Eixo este representado graficamente do seguinte modo:

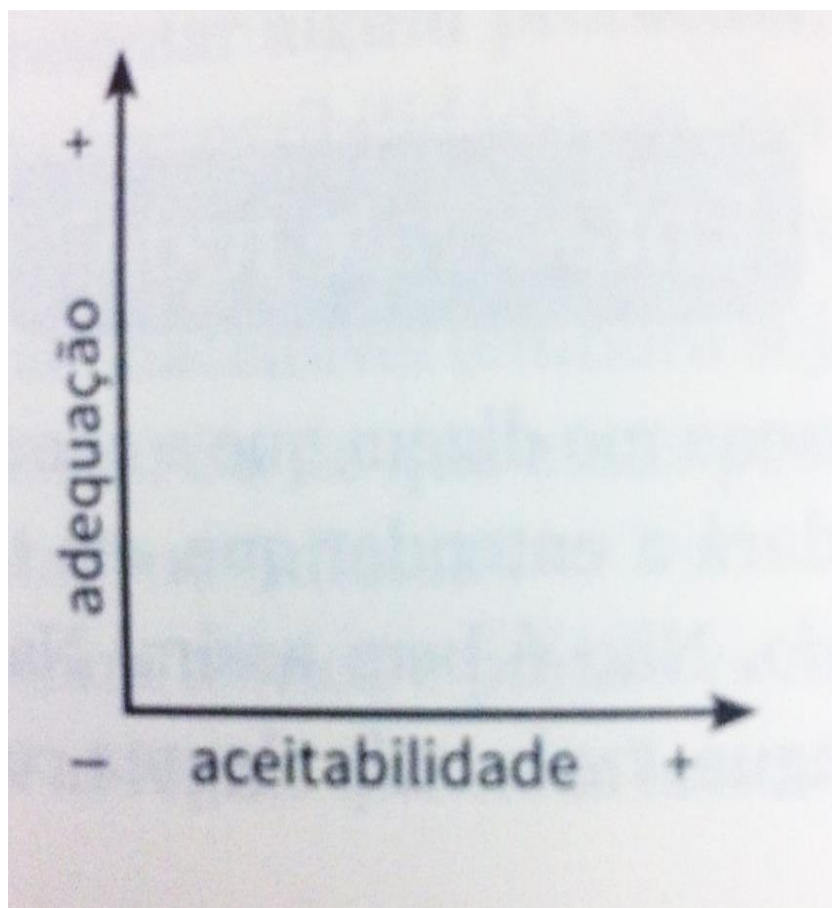


Figura 1. Fonte: BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico*. 56 ed. Revista e ampliada. São Paulo:Parábola Editorial, 2015, p. 184.

A adequação significa que, quando falamos, nos atentamos para o ambiente onde estamos inseridos para adequar a linguagem que usaremos, se deverá ser formal ou informal. E isto ocorre de forma rápida e espontânea. Já a aceitabilidade vem do interlocutor e do que ele considera como adequado ou não como linguagem, na interação.

Fundamentação Teórica, Análise do Discurso

Há diversas técnicas pelas quais se pode pesquisar sobre a linguagem, seja através da gramática ou da linguística, por exemplo. Porém, nesta pesquisa, a opção metodológica é a Análise do Discurso de linha francesa, sob a ótica de Eni Orlandi, que não trata da língua ou da gramática, mas do discurso, isto é:

[...] não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade (ORLANDI, 2020, p.13-14).

Neste sentido, considera-se a linguagem em seus processos e suas condições de produção, de modo que é possível articular o político e o simbólico na análise.

A Análise do Discurso é uma das teorias dos estudos discursivos, de origem francesa, proposta por Michel Pêcheux, na década de 60, tendo por base, especialmente, os estudos de Canguilhem e Althusser. Trata-se de um método de estudo da linguagem que diverge do até então padrão de estudos da linguagem, especialmente algumas leituras mais radicais sobre o estruturalismo; que nega o sujeito e a situacionalidade; e a gramática gerativa transformacional; proposta por Noam Chomsky, e que atribui valor biológico à linguagem. Porém, a Análise do Discurso contraria ambas as premissas ao se voltar contra o formalismo e a negação da exterioridade da linguagem.

Em 1969, Michel Pêcheux publicou a obra “Análise Automática do Discurso”, que coloca o sujeito como o centro da Análise do Discurso. Interessa à análise do discurso a “produção de sentidos, que permite analisar unidades além da frase, ou seja, o texto” (ORLANDI, 2020, p.15, obra já citada). O espaço em que a Análise do discurso se encontra está estabelecido entre três domínios disciplinares, quais sejam: linguística, marxismo e psicanálise. Sendo que estes são tanto bases teóricas quanto alvos de críticas e rupturas.

Para a análise do discurso, segundo Orlandi: a) a língua tem sua ordem própria, mas é relativamente autônoma; b) a história tem seu real afetado pelo simbólico; c) o sujeito de linguagem é descentrado, uma vez que é afetado pelo real da língua e pelo real da história, mas não tem controle sobre o modo como é afetado (ORLANDI, 2020). Ou seja, o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia. Devemos entender que “[...] a ideologia não é ocultação, mas função da relação necessária entre linguagem e mundo. Linguagem se reflete no sentido de refração, do efeito imaginário de um sobre o outro.” (ORLANDI, 2020 p.45).

A análise do discurso “interroga a linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o marxismo perguntando pelo simbólico e se demarca da psicanálise pelo modo como

trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente ao ser absorvida por ele” (ORLANDI, 2020. P.18).

A noção de discurso concebida nesta teoria não é entendida como ocorre com os elementos da comunicação (emissor, receptor, código, referente e mensagem). Isso porque, para a análise do discurso, não se trata de apenas transmissão de informação e não há linearidade entre elementos. A Análise do Discurso não realiza esta separação entre emissor e receptor e não trabalha com a ideia de que o emissor fala e o receptor recebe e decodifica a mensagem, sendo estes atos sequenciais. O que ocorre é que eles realizam o processo de significação ao mesmo tempo, não estando separados. Também não se trabalha apenas com a noção de mensagem, mas com a de discurso. Desse modo, “diremos que não se trata de transmissão de informações apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos (ORLANDI, 2020, p.19, obra já citada).

O dispositivo de compreensão discursiva consiste em colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar, mas não diz em outro, aquilo que é dito de um modo em determinada situação, mas é dito de outro numa situação diferente. Ou seja, busca-se por aquilo que o sujeito diz e aquilo que ele não diz em determinado contexto e por que assim o faz. Justamente porque, para se entender o sentido do dito, é preciso entender o não dito, o que o contexto gera na situação comunicativa (ORLANDI, 2020, obra já citada).

Além disso, é importante entendermos que de acordo com os estudos da Análise do Discurso francesa o sujeito é formado através do assujeitamento, processo em que há a interpelação do indivíduo em sujeito. A “[...] noção de sujeito que, se determina o que diz, no entanto, é determinado pela exterioridade na sua relação com os sentidos [...].” (ORLANDI, 2020, p.48).

“Tiro ao Álvaro” na Concepção Discursiva

A letra da música a ser analisada neste artigo é “Tiro ao Álvaro”, de Adoniran Barbosa³. Trata-se de uma música cujo tema é a história de alguém que está recebendo olhares fulminantes. Olhares estes que, de tão penetrantes, é descrito metaforicamente, fazendo o sujeito enunciador se sentir como um alvo de tiros, tanto que compara seu peito a uma tábua de tiro ao alvo. Vejamos a letra como um todo:

Tiro Ao Álvaro

De tanto levar frechada do teu olhar
De tanto levar frechada do teu olhar
Meu peito até parece sabe o quê?
Tábua de tiro ao Álvaro
Não tem mais onde furar
De tanto levar frechada do teu olhar
Meu peito até parece sabe o quê?
Tábua de tiro ao Álvaro
Não tem mais onde furar
Teu olhar mata mais do que bala de carabina
Que veneno estriçnina
Que peixeira de baiano
Teu olhar mata mais que atropelamento de automóver
Mata mais que bala de revórver
De tanto levar frechada do teu olhar
Meu peito até parece sabe o quê?
Tábua de tiro ao Álvaro
Não tem mais onde furar
De tanto levar frechada do teu olhar
Meu peito até parece sabe o quê?
Tábua de tiro ao Álvaro
Não tem mais onde furar
Teu olhar mata mais do que bala de carabina
Que veneno estriçnina
Que peixeira de baiano
Teu olhar mata mais que atropelamento de automóver
Mata mais que bala de revórver

³ O compositor, Adoniran Barbosa (pseudônimo de João Rubinato) nasceu em 1910, em Valinhos/SP, e morreu em 1982, em São Paulo. O compositor ficou conhecido por retratar em suas músicas o cotidiano das camadas mais pobres no ambiente urbano e as mudanças causadas pelo progresso, destacando-se a linguagem de suas músicas, que reproduz a maneira de falar dos moradores de origem italiana da cidade de São Paulo, como Barra Funda e Brás.

Visto pela AD, a expressão “Tiro ao Álvaro” não se trata da literalidade de atirar em alguém com o nome próprio, Álvaro: mas recorta o interdiscurso, o já-dito da expressão “tiro ao alvo”. Rediz esta expressão pelo falar informal propositalmente, significando que há outros modos de dizer, modos próprios do brasileiro, não constantes em gramáticas. A análise de discurso busca explorar as maneiras que os discursos se estruturam, não tem o objetivo de afirmar se os mesmos estão certos ou errados”. “Palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. Na Análise de Discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido”. (ORLANDI,2020, p.13, obra já citada).

A música possui um eu lírico que recebe olhares fulminantes, comparados a flechadas, que demonstram o interesse amoroso de alguém por ele, fazendo com que ele sentisse seu peito furado como uma tábua de tiro ao alvo que recebeu muitas flechadas. O olhar também é comparado à “bala de carabina”, “veneno estriçnina”, “peixeira de baiano”, “atropelamento de automóvel”, “bala de revólver” para demonstrar a força de tal olhar apaixonado.

Contudo, o destaque da música fica por conta da linguagem, que reproduz o português falado em algumas regiões do Brasil, principalmente nos chamados “bairrositalianos” de São Paulo, como “frechada”, “táubua”, “Álvaro”, “automóver”, “revórver”. Um jogo entre o informal que recorta o interdiscurso formal se forma, e produz efeitos de sentido diversos, tal como “há outros modos de se enunciar”, no Brasil, que não só o erudito formal. Uma vez que o interdiscurso é aquilo que se fala antes em outro lugar, ou seja, memória discursiva.

A letra reproduz uma história simples, cheia de interdiscursos, mas que usa de figuras de linguagem como a metáfora, em “de tanto levar / frechada do teu olhar”, que representa a ideia de um olhar que penetra o peito como uma flechada. Especialmente a hipérbole, o exagero, é um recurso muito visível, por exemplo, ao se chamar o olhar de uma pessoa de balade carabina, veneno estriçnina, peixeira de baiano, atropelamento de automóvel, no sentido de que o efeito deste olhar possui um impacto muito grande.

A enunciação dessa da letra da música mostra que Adoniran Barbosa tratava da linguagem falada dos ítalo-caipiras paulistas, tratava de classes menos favorecidas. Ou seja, enuncia, musicalmente, uma linguagem regional, ao contrário do que se esperava de um letrista de sua época e, muito embora tenham se passado décadas, o que se espera de um letrista da

atualidade. Porém, esta é uma característica comum nas letras do compositor, que buscava escrever como o povo falava, porque era o povo o destinatário de sua música. Dessa maneira, o sujeito falante expressa o falar, o comunicar-se popular, a linguagem na sua dinamicidade.

Nota-se que, como expressado por Orlandi, “o sujeito precisa passar por uma multiplicidade de representações possíveis para a organização dessa dispersão num todo coerente, apresentando-se como autor, responsável pela unidade e coerência do que diz” (ORLANDI, 2020, p.74, obra já citada). Ao representar um sujeito popular como o eu da canção, Barbosa utiliza-se da posição-sujeito. E em análise de discurso, quando falamos em sujeito não é o mesmo o sujeito concebido à partir de sua forma corpórea, mas sim a sua posição-sujeito, ou seja, os diferentes lugares que este ocupa para ser sujeito do que diz, expressar já que está ideologicamente constituído. (Orlandi, 2020, p.43, obra já citada). O autor utiliza-se da posição - sujeito falante popular, que evidencia a linguagem expressa em variedade linguísticas, o que causa a aproximação do público-alvo com a canção, já que causa identificação por meio da linguagem simples e cotidiana do ouvinte. Porém, causa estranhamento no sujeito erudito, como os censores da época, pois, para o falante erudito, a linguagem representada na canção apresenta “erros” na escrita da norma culta.

Uma outra historicidade que afeta o sentido na música é que a música foi composta em 1960 e foi censurada em 1973, justamente pela escrita fora da norma padrão (a voz normativo-gramatical que interdita e silencia a voz não-normativa regional). Os censores da época não viram com bons olhos uma letra de música escrita em uma linguagem incompatível com a norma culta da língua portuguesa, que é utilizada na linguagem escrita. Para eles, a linguagem do povo, utilizada por Adoniran Barbosa, não poderia ser considerada como de boa cultura, como ocorria com a linguagem em geral utilizada pelo povo.

A música somente poderia ser aprovada, segundo os censores, se fosse modificada, “corrigida”, para que seu título se tornasse “Tiro ao Alvo”, bem como que sua escrita obedecesse à norma padrão. Porém, o compositor não o fez. Por isso, a música somente foi lançada mais de 20 anos depois da sua composição, na voz de Elis Regina, quando já não havia a censura prévia a música. (ENCICLOPÉDIA, 2018).

Em muitas de suas entrevistas ele insiste: "Faço samba para o povo. Por isso, faço letras com erros de português, porque é assim que o povo fala". Mas há ainda uma outra definição que sua que leva ao cerne de seu estilo: "Para falar errado, é preciso saber falar errado". Ou seja, Adoniran não se resume a um transcritor da fala cotidiana, da gente comum. Menos do que produzir um "arquivo da fala do povo", sua arte interage nos lugares em que circulam conversas, histórias portadoras de experiências vividas e que são intercambiadas pelo homem comum. Em suma, a arte de Adoniran é sobretudo a crônica da cidade que ele vivencia. Uma poética afinada com as vozes daqueles que, no contexto da modernização de São Paulo, habitam o "espaço da exclusão", onde transitam negros, imigrantes italianos e retirantes nordestinos, numa polifonia de vozes, expressão das mais diversas heranças culturais, da qual emerge a síntese de sua obra. (ENCICLOPÉDIA, 2018).

Veja-se o interdiscurso da censura, que ainda significa nas reproduções da canção, uma imagem da análise da letra feita pelos censores:

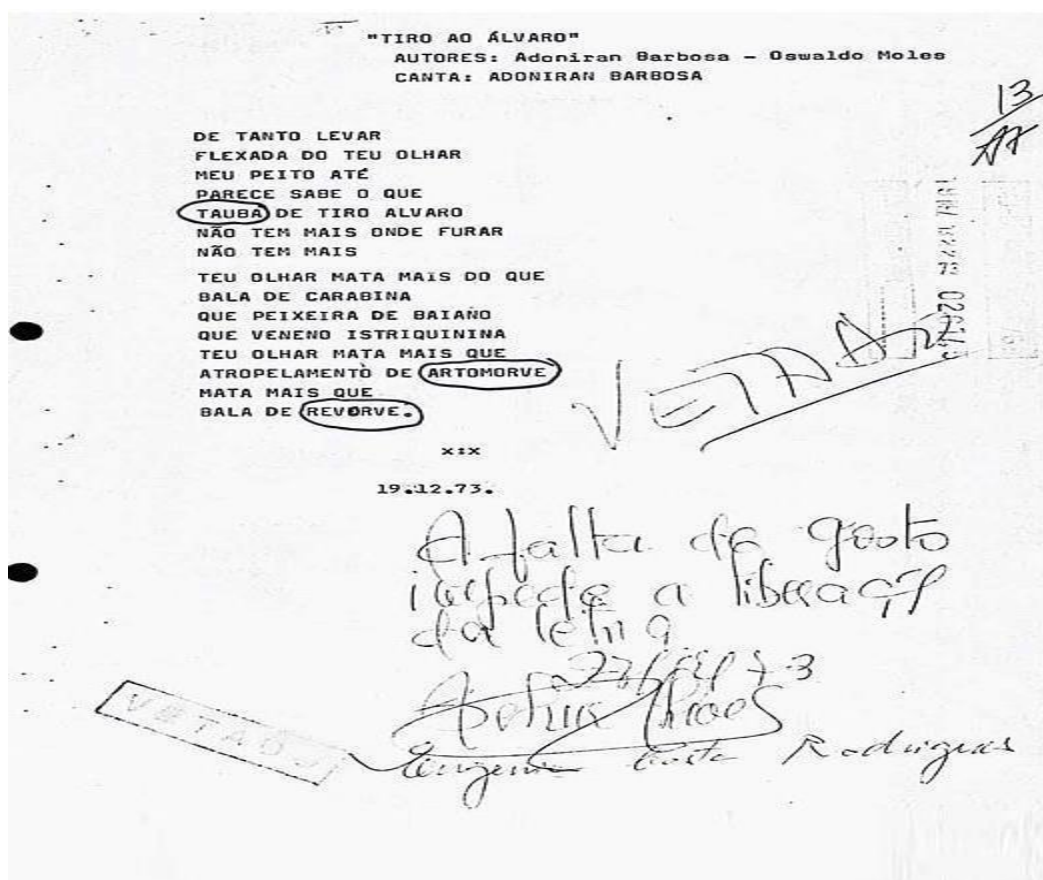


Figura 2. Fonte: Tiro ao Álvaro. *Filhos da Ditadura: Censura da Arte*. Março de 2015. Disponível em <https://mnm182ag5.wordpress.com/2018/03/25/tiro-ao-alvaro-adoniran-barbosa/>. Acesso em 02 de maio de 2021.

A imagem nos leva a perceber que a formação ideológica que compõe o veto, que ocasiona na não publicação da canção, causa a produção de sentido da “falta de gosto”, conforme expresso pelo censor. Essa formação ideológica apresenta um falante e uma concepção de cultura ideal, que se manifesta na linguagem. O que, conseqüentemente, conseguimos inferir que as variedades linguísticas, modo particularizado de cada falante se relacionar com a linguagem, é enquadrado na ideia de “falta de gosto”. A repercussão excludente proporciona o preconceito linguístico, pois a linguagem informal regionalizada é desprestigiada.

Há muito de político na linguagem e, para os censores, valorizar a linguagem do povo não era conveniente, adequado ou aceitável, enquanto que, para os artistas, a arte deveria chegar justamente no povo e, portanto, ser compreendida por ele. Portanto, no quesito historicidade, não tratamos o texto como reflexo da história, mas como acontecimento do discurso no texto. E, para o compositor, a linguagem da arte deve ser acessível a todos (ORLANDI, 2020, obra já citada). Desse modo, constatamos a noção de interdiscurso nos ajuda a compreender o discurso, o sujeito ao dizer, profere palavras que carregam os aspectos históricos. “O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas ‘nossas’ palavras” (Idem, p. 30). Assim, “o interdiscurso é todo conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos.” (Idem, 2020, p.31).

Nesta ideia o discurso presente em “Tiro ao Álvaro” não condizia com o dos censores, para os quais só havia uma forma correta de escrever. Assim, os censores, como representantes dos detentores do poder político, da ordem civil, inebriados pelos princípios moralistas, da época, representavam uma posição-sujeito ideal de falante, que articulava “corretamente” as palavras, que aplicava as regras gramaticais à fala. Isso nos leva a entender a manifestação da posição-sujeito falante gramatical, a qual povoava no imaginário coletivo e nas manifestações discursivas, um sujeito falante idealizado. “[...] o sujeito gramatical cria um ideal de completude, participando do imaginário de um sujeito mestre de suas palavras: ele determina o que diz.” (ORLANDI, 2020, p.48, obra já citada).

Adoniran Barbosa traz para o seu texto um personagem com o qual conviveu durante toda a sua vida, o paulista descendente de italianos, por isso a escolha pela representação de sua linguagem cotidiana. “O sujeito está no discurso assim como o autor está no texto” (ORLANDI, 2020, p.67, obra já citada). Mas “não basta falar para ser autor. A assunção de autoria implica uma inserção do sujeito na cultura, uma posição dele no contexto histórico- social” (Idem, p.74). Desse modo, podemos entender que os sujeitos são responsáveis pelo que dizem, pois assumem posicionamentos discursivos e ideológicos que repercutem social, cultural, política e historicamente nas relações dialógicas, pois sendo ideológico todo discurso é enunciado a partir de um lugar social e veicula as crenças e os valores com que se identifica e muda de sentido conforme a posição-sujeito. Com a mesma intensidade os efeitos de sentidos, para Análise de Discurso são atravessados por ideias, culturas e dessa maneira vão sendo construídos nas relações, no movimento da linguagem, portanto, são múltiplos.

O que é dito na composição “Tiro ao Álvaro” é que o eu lírico recebeu olhares penetrantes de interesse amoroso a ponto de se sentir como uma tábua de tiro ao alvo que recebeu muitas flechadas. O não dito é que a linguagem musical, e da arte em geral, deve ser compreendida pelo povo, que é seu destinatário. A língua cantada deve refletir a língua falada. “Entre o dizer e o não dizer desenrola-se todo um espaço de interpretação no qual o sujeito se move. É preciso dar visibilidade a esse espaço através da análise baseada nos conceitos discursivos e em seus procedimentos de análise” (ORLANDI, 2020, p. 58, obra já citada). Portanto, os censores podem até terem percebido o caráter revolucionário de uma música aparentemente simples, no entanto o que é possível afirmar é que eles apresentaram no veto à publicação, uma formação ideológica do “falante ideal”, que exprime a exclusão do falar popular, que representa uma parcela de pessoas não alfabetizadas, pobres, excluídos das manifestações culturais dos burgueses.

Destaque-se, ainda, que a canção reflete um outro interdiscurso, produtivo para investigar os efeitos de sentido da canção: o comportamento novo para a época, a iniciativa feminina no flerte. Até a década de 60, atribuía-se um papel passivo às mulheres na sociedade, mas aquela foi a década da emancipação sexual feminina.

Nos anos de 1960, elas começaram a ter acesso a meios contraceptivos eficientes. A regulação da fecundidade permitiu que limitassem o número de filhos e espaçassem os nascimentos ou encerrassem a parturição. Com isso, podiam planejar o tamanho da família, assim como a permanência na escola e a entrada no mercado de trabalho. Foi igualmente importante a revolução sexual dos anos de 1960 visando a emancipação da sexualidade e a liberação dos rígidos costumes que segregavam a mulher ao lar e ao papel de esposa e mãe (BELTRÃO; ALVES, 2009, v.39, n. 136, p. 133).

No que tange à música, causa espanto a iniciativa feminina. Tanto que o sujeito da canção se sente fulminado pelos olhares de uma mulher, já que até então este comportamento não era comum, permitido ou aceito socialmente. A música evidencia aspectos sociais, históricos e culturais em que a posição-sujeito mulher independente passa a vigorar a partir da década de 60: há uma mulher emancipada justamente pela sua condição de independência financeira e sexual. Neste sentido, ela já não está na categoria de apenas esposa e mãe, pois ela pode exercer sua sexualidade de outras formas. A música faz significar esta neo mulher, sujeito ativo feminino da década de 60, averiguada por Beltrão.

Um outro jogo de interdiscursos históricos e hegemônicos irrompe enquanto efeito de sentido na canção: neste contexto sessentista, em contraponto à posição-sujeito mulher independente, há o espantar-se de um homem ser cortejado por uma mulher. Esta formação discursiva e ideológica reproduz a posição-sujeito homem conservador galanteador, que enxerga a mulher como um ser frágil, dócil, puro; a mulher idealizada para se casar, cuidar de afazeres domésticos, prover e criar a prole. Deste modo, vale ressaltar que a “ideologia é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos” (ORLANDI, 2020, p.46, obra já citada). Essa ideologia de estranhamento evidenciado na canção não é exposta pelo censor, que se prende apenas à linguagem padrão/norma culta ao analisar a música, até porque o sujeito da canção não apresenta uma defesa da liberdade sexual da mulher, mas apenas o espanto causado pela novidade.

Contudo, o mérito da letra da canção reside justamente na narrativa simples, que normaliza tanto a linguagem do sujeito popular como o comportamento livre das mulheres. A música apresenta inovações para aquele contexto de Ditadura Militar – um outro interdiscurso histórico que afeta o acontecimento da canção, já que não se trata de uma letra padrão, pois versa sobre uma letra que não representa uma sociedade ideal. Esta sociedade “perfeita” reproduzia nos discursos, formações discursivas e ideológicas do falante-gramatical ideal, que **SCIAS.Arte/Educação, Belo Horizonte, v.9, n.1, p. 29-45, jan./jun. 2021**

supervaloriza a norma culta como um viés ideológico para exaltar a cultura burguesa e elitista, que se contrapõe à formação discursiva e ideológica do falante-popular, marginalizado e excluído das manifestações culturais daquele período, a linguagem real do povo, com seus “erros”, mas sendo perfeitamente compreensível nas relações dialógicas.

Além disso, percebemos a disputa de sentidos relacionados ao gênero, pois existem em “Tiro ao Álvaro” formações discursivas e ideológicas relacionadas: à mulher independente, que passa a se engajar na sociedade, que busca a liberdade sexual (representada na música pelo flertar) e ocupar outras posições; à mulher idealizada, doméstica que vive em função apenas do casamento e da maternidade; e ao homem galanteador, conservador que reproduz em seus discursos a formação discursiva e ideológica da mulher “perfeita”.

Considerações Finais

Este artigo parte da seguinte indagação se a linguagem possibilita ao ser humano produzir inúmeros discursos, por que existem discursos que são considerados melhores que outros? E por que o discurso dominante da linguagem normativa é considerado o “correto”, menosprezando as variações linguísticas? Paratanto, utilizamos, de forma problematizada, a letra da música “Tiro ao Álvaro”, de Adoniran Barbosa.

Assim, o objetivo desta pesquisa foi analisar os discursos presentes na composição em questão, enfatizando os efeitos de sentido oriundos da música “Tiro ao Álvaro”, de Adoniran Barbosa, conforme as teorias da variação linguística e da Análise de Discurso de linha francesa sob a ótica de Eni Orlandi. Como objetivos específicos, buscamos evidenciar o interdiscurso na letra “Tiro ao Álvaro”. Ou seja, analisar o texto/discurso que antecede a letra da música. Além disso, buscaremos apresentar os possíveis efeitos de sentido que a música produz. Problematizando as posições-sujeito e formações ideológicas de variações linguísticas não escolarizadas confrontadas à linguagem culta, monitorada, normativa.

A realização deste trabalho propicia o entendimento de que é preciso respeitar as variações linguísticas manifestadas na cultura popular brasileira. A Análise do Discurso auxilia na compreensão ideológica dos discursos e, conseqüentemente, nos efeitos de sentido. “Tiro ao

Álvaro” representa a voz de um Brasil não elitizado. Pois, a linguagem não é neutra, transparente, objetiva e clara como nos lembra Orlandi.

À guisa de considerações finais, destacamos que a letra da música “Tiro ao Álvaro”, objeto de censura em 1973, durante a ditadura militar, tem um caráter inovador de uma composição aparentemente simples, mas que traz uma mensagem profunda, a de que a música é para todos entenderem, o que expressa também as formações discursivas e ideológicas que constituem o discurso apresentado. Isso porque a sua linguagem, que replica a língua falada, mostra que a norma padrão não deve ser obrigatória em todos os contextos e nem a única aceitável e considerada como certa. Além disso, mostra a mulher com a liberdade sexual, aquela que toma iniciativas e sabe o que quer.

Referências Bibliográficas

- ADONIRAN Barbosa. *Cantor e compositor brasileiro*. E biografia. Disponível em https://www.ebiografia.com/adoniran_barbosa/. Acesso em 02 de maio de 2021.
- BEZERRA, Benedito Gomes; PIMENTEL, Renato Lira. *Normativismo Linguístico em Redes Sociais Digitais: uma Análise da Fanpage Língua Portuguesa no Facebook*. Trab. linguista. apl., Campinas, v. 55, n. 3, p. 731-755, dezembro de 2016. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132016000300731&lng=en&nrm=iso. Acesso em 02 de maio de 2021. <https://doi.org/10.1590/010318135142185651>.
- BELTRÃO, Kaizô Iwakami e ALVES, José Eustáquio Diniz. *A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX*. Cadernos de Pesquisa [online]. 2009, v.39, n. 136, p. 125-156. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742009000100007>. Epub 10 Ago 2009. ISSN 1980-5314. Acesso em 26 mai. 2021.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico*. 56 ed. Revista e ampliada. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*: Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988. Brasília: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. *Lei 9.394/96*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Senado Federal, 1996.
- ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Adoniran Barbosa. Verbete Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060- Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa12474/adoniran-barbosa>>. Acesso em 03 de maio 2021.
- ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 13 ed. Campinas: Pontes Editores, 2020.
- PÊCHEUX, Michel. *A Análise de Discurso: três épocas* (1983). In: GADET, F.; HAK,

T. *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. UNICAMP, 2001.

PERINI, M., A. *Sofrendo a gramática*. São Paulo: Ática, 1997.

ROCHA, Décio; DEUSDARA, Bruno. *Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re) construção de uma trajetória*. Alea, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 305-322, Dec. 2005. Disponível em

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-06X2005000200010&lng=en&nrm=iso. Acesso em 02 de maio de 2021.
<https://doi.org/10.1590/S1517-106X2005000200010>, p. 321.